

Títulos da dívida do Brasil têm forte alta

LONDRES e BRASÍLIA — Os títulos da dívida externa do Brasil tiveram uma súbita alta ontem no mercado secundário em Londres, ganhando quase cinco pontos percentuais, estimulados pela perspectiva de fechamento, hoje, de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Os títulos brasileiros, que na segunda-feira fecharam a 29,125% de seu valor original, ontem atingiram 33,75%.

Em Brasília, após um fim de semana de nervosismo e preocupação, a equipe econômica recuperou a confiança de que a direção do FMI aprovará hoje o programa de ajuste do Brasil. A aprovação da carta de intenções permitirá ao país o acesso a um empréstimo de US\$ 2 bilhões, a ser desembolsado ao longo de 20 meses, e abre caminho para um acordo com os bancos privados e o Clube de Paris, que reúne os governos dos países credores.

A equipe do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, começou a temer pela não aprovação do acordo na última sexta-feira, depois de receber telefonema do representante do Brasil no Fundo, Alexandre Kafka. Na conversa com o ministro, Kafka relatou que os diretores do FMI estavam levantando dúvidas sobre a seriedade do programa brasileiro junto ao diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, que vem se empe-

nhando pessoalmente na aprovação da carta de intenções.

Os diretores se diziam confusos diante de duas informações: o relatório preliminar do Tribunal de Contas da União (TCU), dizendo que a Previdência Social terá um superávit de quase Cr\$ 5 trilhões, mesmo após o pagamento dos 147% a aposentados e pensionistas; e as articulações para o retorno de Antônio Kandir para o Governo.

Eles suspeitavam que a volta de Kandir poderia representar um enfraquecimento de Marcílio e até o desvirtuamento de sua linha ortodoxa de combate à inflação. Quanto ao relatório do TCU, o raciocínio era o de que se os números estivessem corretos, o Brasil nem sequer precisaria de um programa de ajuste, pois estaria com dinheiro sobrando.

O ministro agiu rápido. No mesmo dia, encaminhou ao Fundo um relatório informando que as conclusões do TCU eram incorretas, pois não se basearam em dados fornecidos pela área econômica. As estimativas de receita da Previdência para 1992 partiam do pressuposto de que o Produto Interno Bruto (PIB) cresceria 10%, a massa de salários 4% e a taxa de desemprego cairia à metade, um cenário bem diverso do que o exposto na carta de intenções ao Fundo.

Ao mesmo tempo, Marcílio articulou uma reunião no domingo



Kafka, bem-humorado: a carta de intenções do Brasil vai ser aprovada

com os embaixadores dos países que integram o Grupo dos Sete (Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Canadá e Japão) para afastar qualquer dúvida sobre o cumprimento do ajuste fiscal e o sucesso do combate à inflação. No encontro, o ministro deixou claro que a si-

tuação econômica do país poderá piorar, caso o acordo não seja aprovado, na medida em que o êxito das negociações com os bancos e com o Clube de Paris depende do aval do FMI. A partir deste encontro, a equipe econômica recuperou a confiança na aprovação do acordo.